

PREFÁCIO: O VERBO, A IRONIA E O HUMANO

O interesse pelo universo da ironia é persistente em Ida Lucia Machado e tem sido objeto de diversos estudos ao longo do seu percurso enquanto pesquisadora e analista do discurso.

É muito provável que tal interesse se possa explicar pela curiosidade que sempre teve pelo humano em suas manifestações menos lineares, mais elaboradas, mais ousadas e mais enigmáticas. Com efeito, refere a autora, a ironia é um «fenômeno linguageiro que escapa das mãos daqueles que querem reduzi-la e impor-lhe uma categorização ou definição única» (p. 5), e utiliza mesmo a expressão «labiríntico jardim da ironia» (p. 95) para enfatizar que se trata de um fenômeno multidimensional que assume variadas formas e manifestações¹. Por outro lado, enquanto estudiosa da linguagem e analista do discurso, o tema da ironia revela-se-lhe de uma riqueza inesgotável, como aliás mostra no primeiro capítulo do livro, a propósito dos desdobramentos identitários presentes na narrativa de vida de Edith, em *A mulher do oficial alemão*.

Considerada como “fundadora”, encontramos, no segundo capítulo do presente livro, a ironia socrática. Com efeito, sucedida pela maiêutica, a ironia faz parte do método socrático, exercido para despertar a interrogatividade e levar os interlocutores a pensarem para além do (supostamente) já sabido e a transitarem de um saber irrefletido para um saber progressivamente apropriado pelo esforço do raciocínio e do pensa-

¹ Pelo menos em duas ocasiões, a autora reitera a tese segundo a qual o fenômeno da ironia é só um e que as classificações que vão aparecendo são mais desdobramentos explicitantes do que catalogações destinadas a compartimentar ou a fazer uma tipologia das ironias. Com efeito, inscrita na grande tradição humanista, a autora sabe bem que o círculo hermenêutico só se realiza na articulação entre o todo e as partes: se a fixação nas partes sem a luz do todo — tão ao sabor da atual decadência das humanidades — pode conduzir a um «saber que», não conduz, todavia, a uma compreensão desta figura enquanto manifestação humana na sua relação com o fenômeno da vida e com a própria condição humana. Não residirá nesta última dimensão o verdadeiro, e mais valioso, «sentido prático» que hoje tanto é exigido aos educadores?

mento. Dito de outro modo, para Sócrates, antes de encetar uma investigação na ordem do conceito, é preciso purgar as ideias preconcebidas que, tomadas como óbvias, impedem uma pesquisa mais aprofundada. A ironia socrática — que reside na assunção de uma postura de ignorância e de curiosidade destinada a favorecer o envolvimento e a participação do interlocutor num questionamento mais profundo daquilo que ele afirma espontânea e convictamente — é essencialmente estratégica, pois não consiste em mais do que um momento negativo que prepara um momento positivo: ela conduz a um reconhecimento da ignorância («pensava que sabia, mas agora estou confuso») a partir da qual o conceito poderá ser parturejado (maiêutica).

Se podemos considerar que a ironia socrática é uma ironia ao nível da atitude, há também que considerar outras formas de ironia. A ironia verbal — aquela que se faz presente através de meios linguístico-retóricos — é uma delas. Pode revelar-se de muitos modos, mas é sua característica provocar uma distância e uma cisão (um pensar outro), por exemplo relativamente ao familiar e ao tacitamente presumido; ou, então, lançar o desconcerto através de um enunciado que nos retira da imersão no sério e nos torna mais capazes de um riso relativista, pai do pensar crítico.

Figura de pensamento e figura de estilo, a ironia é também um fenómeno argumentativo. Superado que foi o tempo em que a estética da ironia era apartada da argumentação, hoje tornou-se comum o reconhecimento de que a ironia pode, e deve, ser vista no âmbito dos procedimentos argumentativos. Até os que procuram confinar a argumentação à dimensão lógica dos raciocínios não podem deixar de reconhecer que se trata de raciocinar *falando* e, por conseguinte, de uma situação de comunicação na qual se tem de lidar com questões de sentido que vão muito para além do carácter lógico-inferencial do raciocínio.

É justamente centrando-se na categoria de sentido (e, mais especificamente, adotando as propostas da teorização da «argumentação na língua» de Ducrot e Anscrombre, segundo a qual argumentar é orientar), que Ida Lucia Machado propõe mostrar quer a função estratégica que a ironia pode assumir nos processos de persuasão discursiva presentes em discursos argumentados, quer a dimensão de confrontação que suscita ao colocar em jogo duas orientações não compatíveis entre si, abrindo, assim, para uma atitude de prudencialidade reflexiva.

Se, como anteriormente assinalámos, o desdobramento identitário é terreno fértil para o surgimento da ironia, a polifonia é também fecunda para fazer emergir o registo irónico. A ironia polifónica (mas também a intertextual e a de menção) é abordada no capítulo IV. Nela se verifica muitas vezes a retoma do discurso do outro num ludismo próximo da paródia, uma vez que a força da unicidade da perspectiva apresentada é posta em causa pelo surgimento de uma outra perspectiva, provocando assim um efeito de pluralidade, um choque por contraste, que deixa a pairar no ar que há muitos modos de ver.

No capítulo seguinte é a ironia romântica, num dos e seus desdobramentos possíveis, que é analisada e discutida. Poderíamos dizer que ela contém um componente existencial derivado do próprio ensejo romântico de absoluto e de todas as dificuldades que um ser finito sempre tem na sua demanda do infinito. Mas pode ser também mais suave e, na literatura, torna-se muitas vezes presente, por exemplo, no irromper da fala da pessoa do narrador na própria narrativa e, por conseguinte, no desdobramento que assim se opera. Ainda neste âmbito, encontramos, no final do capítulo V, um interessante conjunto de considerações sobre a conotação pejorativa atribuída à chamada «questão retórica» e uma argumentação da autora no sentido da sua reabilitação. Assim, sustenta que longe de se reduzir a uma estratégia manipuladora, a questão retórica pode servir para exprimir honestamente as dúvidas de quem escreve, funcionar como uma forma pedagógica de mapear o próprio percurso de pensamento, ser uma forma de deferência no sentido de tornar mais explícito para o outro o discurso, e pode, ainda, ser uma maneira de mostrar como se lida com a incerteza, numa atitude humilde e despojada, consciente dos limites e da precariedade de todo o saber. É que, na verdade, uma questão retórica não é aquela para a qual se sabe antecipadamente a resposta, mas uma questão acerca da qual pode haver pelo menos duas respostas e, por conseguinte, propicia a mostrar a fecundidade e a riqueza do carácter ambíguo da linguagem.

O capítulo VI tem por objeto a ironia de situação, a qual se pode caracterizar por uma relação entre o expectável e o inesperado, assinalando a exposição do humano ao contingente, a contingências que, de uma forma quase incrível, podem conduzir as situações precisamente para o oposto do que delas se esperava. Nesse sentido ela traz à tona a sensação

de absurdo, e a função da construção irónica consiste simultaneamente em colocar em evidência a dimensão contrastante com que o real se pode apresentar e em expor o leitor à necessidade de interpretação.

O livro finaliza com um estudo de caso da presença da ironia em duas narrativas de vida. O referido estudo de caso incide sobre dois personagens bem diferentes — Paul Veyne e Rita Lee —, os quais comungam de um persistente uso da ironia nos seus discursos. Se, durante todo o livro, a autora nos presenteia com exemplos muito clarificadores, neste capítulo final ela aplica todas as suas competências enquanto analista do discurso para nos mostrar quão barulhentos são os sussurros da ironia: de facto, nos dois casos examinados, impera um forte registo irónico e, sem a sua compreensão, ficaríamos incapazes de interpretar com propriedade os trechos propostos.

Sabemos que a ironia está muitas vezes ligada ao humor ou, pelo menos, a um gesto transgressivo da pesada seriedade na sua tendência para reduzir a uma única possibilidade aquilo que se pode dizer (e pensar) de muitas maneiras. Neste sentido a ironia está associada a um exercício de inteligência e de liberdade (e quem pode negar que estes são conceitos irmanados?) e, talvez por essa razão, suscite a dificuldade enunciada na epígrafe da introdução do livro: ela implica dar «crédito à sagacidade divinatória» do interlocutor, pelo que pressupõe, de algum modo, uma parceria, uma partilha de referências e de sensibilidades que permita torná-la perceptível, mesma se arquitetada em pano de fundo ou em segundo plano.

A ironia é uma figura que suscita o pensamento pela confrontação com o alternativo, ou seja, remete para uma imagem argumentativa do pensamento. Com efeito, a imagem argumentativa do pensamento caracteriza-se justamente pela sua dimensão no mínimo dual (ponderação de pelo pelos dois lados possíveis para um assunto em questão), o que aliás condiz com o acentuar — assinalado pela autora na conclusão do livro — da polifonia enquanto terreno fértil para o brotar da ironia. Se, como Bakhtine salientou, a pluralidade de vozes atravessa o diálogo que somos, então, as nossas identidades não são monádicas, mas configurações mutáveis que acompanham os processos de demanda. Fermentados pela curiosidade e trespassados pela dúvida, na nossa exposição social acontece sempre o que Luigi Pirandello assinalou: «Eu sou tantos quan-

tos são os que me veem», e a ironia é muitas vezes essa arte do encontro procurado numa busca inquieta e desconcertante.

Para finalizar, refira-se que a convocação de uma pluralidade de vozes é uma forma de colocar o pensamento perante uma multiplicidade de perspectivas; põe em ação não apenas a dimensão crítica do pensar — com a respectiva consideração de vários caminhos possíveis — como, em certos casos, provoca afloramentos argumentativos² ao colocar os assuntos sob o signo do discutível e, eventualmente, passível de debate.

Enfim, é com a simplicidade de quem possui uma mestria e um sentido pedagógico invulgares que a autora explora este complexo e labiríntico universo da ironia, beneficiando seguramente com este seu livro todos os leitores interessados na análise do discurso e, particularmente, no fenómeno irónico, tão revelador e central na compreensão do humano.

Rui Alexandre Grácio

² Entendemos por «afloramentos argumentativos» configurações discursivas nas quais se verificam posições opostas que, podendo ser mapeadas, não são todavia objeto de aprofundamento ou de tematização, ou seja, não dão origem a uma situação de argumentação.